

## NOVO BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO BRICS: ALTERNATIVA AO PODER FINANCEIRO OCIDENTAL?

*Brics' New development bank: an alternative to the western financial power?*

Charles Pennaforte<sup>1</sup>

Nairana Karkow Bones<sup>2</sup>

Homero de Camargo Filho<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Rio Grande do Sul, Pelotas, Brasil. **E-mail:** [charles.pennaforte@ufpel.edu.br](mailto:charles.pennaforte@ufpel.edu.br) **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-5623-7689>

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Rio Grande do Sul, Pelotas, Brasil. **E-mail:** [nairanabones@gmail.com](mailto:nairanabones@gmail.com) **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-1178-9898>

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Rio Grande do Sul, Pelotas, Brasil. **E-mail:** [camargohomero1@gmail.com](mailto:camargohomero1@gmail.com) **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-1378-7853>

## RESUMO

O Banco Mundial e o FMI são instituições financeiras tradicionais e centrais da história recente. Entretanto, algumas pautas como a falta de gestão democrática, o descaso ao meio ambiente e, as políticas desproporcionais de poder, fizeram com que países em desenvolvimento buscassem outros instrumentos para se inserirem neste campo. Uma das alternativas, foi a formação de bancos de desenvolvimento, como é o caso do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), criado pelo BRICS em 2014. O NBD é o foco deste trabalho, o qual analisa sua possível viabilidade como uma alternativa à influência ocidental no mercado financeiro. Para tanto, são utilizadas as contribuições de autores como Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi, na perspectiva de entendimento das transformações do atual capitalismo e da geopolítica econômica. Pode-se averiguar ao longo do trabalho, que o NBD, em poucos anos, aprovou e executou diversos projetos, voltados para as áreas de energia, transporte, infraestrutura social e urbana, proteção do meio ambiente e saúde pública. O aumento de sua importância pode viabilizar um novo cenário frente aos centros financeiros tradicionais, a despeito das inúmeras assimetrias sistêmicas existentes.

**Palavras-chave:** BRICS. Novo Banco de Desenvolvimento. Geopolítica financeira.

## ABSTRACT

The World Bank and the IMF are traditional and central financial institutions of recent history. However, some guidelines such as the lack of democratic management, disregard for the environment and, as disproportionate policies of power, made it possible for developing countries to seek other instruments to insert in this field. One of the alternatives was the creation of development banks, as is the case of the New Development Bank (NBD), created by the BRICS in 2014. The NBD is the focus of this work, which analyzes its feasibility as an alternative to western influence in the financial market. To this end, they are published as contributions from authors such as Immanuel Wallerstein and Giovanni Arrighi, in the perspective of understanding the transformations of current capitalism and economic geopolitics. Throughout the work it is seen that the NBD has approved and executed several projects related to energy, transport, social and urban infrastructure, environment protection, and public health. Its increased importance may enable a new scenario in view of the traditional finance centers, although the numerous existing systemic asymmetries.

**Keywords:** BRICS. New Development Bank. Financial geopolitics.

## INTRODUÇÃO

O BRICS, no momento de sua criação, era composto por países emergentes e de alto crescimento econômico, e tinha como objetivo principal influenciar no Sistema Internacional, na

geopolítica e nos mercados globais (Lobato, 2018), como também dar maior relevância ao “Sul Global”. Por Sul Global entende-se, por um conjunto de países em desenvolvimento, classificados pelo Banco Mundial como médio e baixo desenvolvimento, em contraponto aos países pertencentes ao Norte Global, que seriam os desenvolvidos (Miltin e Satterthwaite, 2013).

Os países-membros do BRICS juntos têm uma importante influência no cenário internacional, representam cerca de 42% da população, 23% do PIB, 30% do território e 18% do comércio mundial, além de que ao longo de seus anos, o grupo desenvolveu cooperação setorial intrabloco em diferentes temas; como ciência e tecnologia, promoção comercial, energia, saúde, educação, inovação e combate a crimes transnacionais, entre outras áreas (Brasil, 2019).

Ademais, os países pertencentes a este grupo multilateral, estão unidos pela sua insatisfação com o atual quadro de governança e pelo interesse em adaptá-lo para que seja mais favorável a eles e a outros países emergentes (Suchodolski e Demeulemeester, 2018). Mostra-se, então, que eles entendem que as mudanças necessárias deverão partir deles mesmos para que satisfaçam suas demandas e seus interesses.

Além disso, como destaca Hurrell (2018), o BRICS é importante não apenas por causa de seu rápido desenvolvimento econômico, mas também por conta das mudanças estruturais previstas que podem alterar fundamentalmente o equilíbrio do poder econômico global e transformar a economia no futuro. Podendo, com essas alterações, incluir futuramente novos blocos e economias menores que não influenciam diretamente no atual modelo internacional.

Durante a VI Cúpula do BRICS, realizada em Fortaleza, em março de 2014, atingiram um de seus objetivos principais: ganhar maior dimensão institucional. Para atingir essa meta, a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD<sup>4</sup>) e do Arranjo Contingente de Reservas (ACR), podem ser considerados uma etapa importante e inicial para uma cooperação financeira do grupo (Stuenkel, 2017).

No que tange a cooperação, quanto maior o seu desenvolvimento há uma maior estabilização intra-BRICS, ou seja, ações guiadas por meio de regras e normas, para a realização de metas e expectativas comuns. O NBD tornou-se um objetivo natural entre os países-membros, e atuaria em paralelo, ou até mesmo em contraponto à influência econômica do Ocidente, sobretudo de instituições internacionais financeiras ditas “tradicionais”, como as provenientes do arranjo da Conferência de Bretton Woods no pós-Segunda Guerra Mundial.

Neste período o mundo ocidental assistiu a hegemonia das instituições financeiras comandadas pelos EUA e Europa como fornecedores de crédito, principalmente para o então chamado Terceiro Mundo, que buscava a industrialização. Tais instituições financeiras impunham o modelo de desenvolvimento que julgavam ser “melhor” e as condições de

---

<sup>4</sup>Ou NDB, sigla do inglês New Development Bank.

pagamento desses empréstimos propostos pelo Fundo Monetário Internacional, não levavam em consideração a realidade assimétrica dos países do Terceiro Mundo.

Grande parte das condições impostas para a concessão de créditos envolviam cortes sociais e privatizações. As consequências eram, não raro, crises econômicas que provocavam sérios impactos à estrutura social e financeira das nações. Os anos 1980 e 1990 foram exemplares no que tange aos impactos das condições de pagamentos das dívidas após os choques do petróleo em 1972/1973 e 1979, e a Crise dos Juros de 1982 que alteraram a oferta de crédito e a elevação da taxa de juros a serem pagas pelos, agora, “países em desenvolvimento”.

Nossa hipótese se baseia na análise de se criar vias de desenvolvimento que diminuam a dependência dos centros financeiros tradicionais de poder. E isso se aplica ao NBD para a geopolítica econômica, pois é composto por países que estão em desenvolvimento, e buscam uma maior autonomia político-financeira no cenário internacional.

A oferta de recursos monetários aos países que não possuem condições de obtê-los a partir de parâmetros estabelecidos pelo FMI, por exemplo, que estabelece para concessão de crédito “ajustes estruturais” na economia que causam impactos sociais de grande relevância, podem tornar o NBD um ator de grande relevância no sistema financeiro monetário internacional no futuro. Diante do exposto, este artigo busca responder à seguinte indagação: o NBD poderia se constituir alternativa factível às tradicionais instituições financeiras do ocidente para o fomento econômico?

Existem algumas análises para a importância do papel do banco. O NBD poderia ocupar “espaços vazios” no ordenamento global numa espécie de alargamento da ordem, por exemplo (Carvalho *et al.*, 2015). Já Hooijmaaijers (2021) faz uma distinção do banco frente aos demais (com um foco do financiamento em infraestrutura e energia renovável, sem condicionalidades, proporcionalidade de votos, uso de moedas locais) somada à atuação da China no NDB e no Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB). De outro lado, Wang (2017) analisa que tanto o NDB como o AIIB atuariam como instrumentos de “democratização” do sistema financeiro monetário internacional, como ferramentas importantes para reduzir a dependência ao dólar e internacionalizar outras moedas como RMB.

Nossa perspectiva metodológica ocorre a partir da utilização de revisão bibliográfica e documentos disponíveis de órgãos nacionais e internacionais, com a análise a partir da constatação do declínio da hegemonia estadunidense no âmbito geopolítico, econômico e cultural (Wallerstein, 2004; Arrighi, 2006) que favorece o surgimento de novas dinâmicas sem o controle dos países core do sistema.

Para Giovanni Arrighi (2006) com inspiração nos Ciclos de Kondratieff, o sistema capitalista teria passado por quatro ciclos sistêmicos de acumulação e expansão: 1) genovês, 2) holandês, 3) britânico e 4) norte-americano. Os ciclos sistêmicos de acumulação de capital

constituem uma cadeia de estágios parcialmente superpostos, por meio dos quais a economia capitalista europeia transformou a economia mundial em um intenso sistema de trocas. A superposição desses ciclos ocorre na passagem de um para o outro, ou seja, enquanto um ciclo está se aproximando do seu término, ao mesmo tempo, outro ciclo sistêmico de acumulação começa a se formar. Esta fase de superposição ocorre durante a chamada turbulência financeira do ciclo que está chegando ao fim (Arrighi, 2006, pp. 219-220). O atual ciclo sistêmico de acumulação liderado pelos EUA estaria, por tanto, em processo de transição para outro ainda não identificado.

Segundo Immanuel Wallerstein (2004), o sucesso dos EUA no pós-guerra como potência hegemônica é que provocou a sua própria decadência. Segundo ele, a hegemonia no atual sistema-mundo é baseada na perspectiva de expansão da competição como fator criador de "rivalidades" ("Ciclos de Hegemonia"). Segundo o autor, vivemos em um processo de "bifurcação" para outro ciclo.

Para alcançar nossos objetivos, o artigo está dividido em duas seções. A primeira analisa as instituições financeiras internacionais pós-1945 até a criação do NBD, enquanto a segunda parte aborda o crescimento da importância do NBD e sua operacionalidade no contexto do BRICS.

## **INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS MUNDIAIS E A CRIAÇÃO DO NBD PELO BRICS**

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, organizações internacionais começaram a ganhar maior importância no Sistema Internacional. Aquelas que estavam focadas na reconstrução dos países atingidos pela guerra, e na promoção de uma maior integração, se destacaram no cenário internacional (Krasner, 2012) e se mostraram eficientes para reerguer as economias de tais países.

Das organizações internacionais que deveriam tratar dessa pauta mais voltada ao âmbito financeiro e consideradas tradicionais, temos o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, ambas criadas em julho de 1944, no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), na Conferência de Bretton Woods. O FMI, que segundo seu site oficial, tem como objetivo, trabalhar:

[Para] promover a cooperação monetária global, garantir a estabilidade financeira, facilitar o comércio internacional, promover o alto nível de emprego e o crescimento econômico sustentável e reduzir a pobreza em todo o mundo (Organização das Nações Unidas, 2019).

Já o Banco Mundial, em definição oficial:

[Ele] atua como uma cooperativa de países, que disponibiliza seus recursos financeiros, o seu pessoal altamente treinado e a sua ampla base de conhecimentos para apoiar os esforços das nações em desenvolvimento para atingir um crescimento duradouro, sustentável e equitativo. O objetivo principal é a redução da pobreza e das desigualdades (Organização das Nações Unidas, 2019a).

Ou seja, o FMI busca “suprir instrumentos de crédito destinados a aliviar dificuldades temporárias no balanço de pagamentos e problemas decorrentes do endividamento externo”, enquanto o banco mundial “auxilia os países em desenvolvimento outorgando-lhes financiamentos de longo prazo para projetos e programas” (Roberts, 2000, pp. 16-17). Ambos, portanto, são agentes que tentam evitar o aumento das crises financeiras enfrentadas pelos países partes, levando em consideração sua cota e participação no mercado internacional.

No decorrer das últimas décadas, a maioria das organizações internacionais que fortaleceram e intensificaram seu papel, foram aquelas que possuem os EUA como principal ator e membro, ao lado da Europa. Perpetuando, portanto, uma tendência de monopolização do capital e do poder, como Arrighi (2006) afirma:

Mas essa maior escala, âmbito e sofisticação técnica nada mais são do que a continuação da sólida tendência da *longuedurée* do capitalismo histórico à formação de blocos cada vez mais poderosos de organizações governamentais e empresariais como principais agentes da acumulação de capital em escala mundial (Arrighi, 2006, p. 309).

A influência de instituições financeiras internacionais é muito incisiva nos países em desenvolvimento desde a década de 1970. Diretrizes pautadas em uma política sistematicamente favorecedora da economia de livre mercado, empresa privada e livre-comércio global, que servia à economia americana (Hobsbawm, 1995). Por outro lado, analisando a influência dos EUA e o seu poder hegemônico, Wallerstein (2004) afirma que desde o ano de 1968 está em declínio

[O] sucesso dos EUA como potência hegemônica no período do pós-guerra criou as condições para que a sua própria hegemonia fosse minada. Este processo pode ser capturado em quatro símbolos: a guerra do Vietnã, as revoluções de 1968, a queda do Muro de Berlim em 1989 e os ataques terroristas de setembro de 2001. Cada símbolo acresce ao anterior, culminando na situação em que os EUA se encontram hoje: uma superpotência solitária à qual falta o verdadeiro poder, um líder mundial que ninguém segue e poucos respeitam, e uma nação perigosamente à deriva, imersa em um caos global que não pode controlar (Wallerstein, 2004, p. 25).

Logicamente trata-se de uma análise que não está baseada exclusivamente em aspectos econômicos, mas em várias frentes de observações. Julgamos ser uma perspectiva analítica interessante e que colabora para o entendimento do atual cenário do sistema-mundo. Tendo como base essa dimensão, o enfraquecimento da hegemonia dos EUA possibilitou que os países criassem vias alternativas de desenvolvimento para tentar evitar e/ou atenuar a dependência histórica do centro sistêmico e da sua esfera de influência geopolítica e econômica. Alternativas estas que vão desde a criação de programas de cooperação, grupos de mercado comum até bancos de desenvolvimento com taxas e prazos mais flexíveis.

Ademais, desde os anos 1980, há muitas críticas a essas organizações financeiras tradicionais. As principais são pautadas em três pontos: gestão democrática, direitos humanos e meio ambiente (Bretton Woods Project, 2019). Assim, muitos países pedem uma reforma no FMI, principalmente pela monopolização dos votos nessas organizações pelos países

desenvolvidos. Como foi o caso dos países-membros no BRICS na XI da Cúpula, em 2019, em que no 6º ponto na Declaração de Brasília, foi o pedido de reformas em organizações multilaterais como ONU, Organização Mundial do Comércio e FMI “[...] torná-las mais inclusivas, democráticas e representativas, inclusive por meio de maior participação dos mercados emergentes e de países em desenvolvimento nas tomadas de decisão internacionais” (Brasil, 2019a).

Além de que os empréstimos e financiamentos concedidos por essas organizações tradicionais determinavam duros termos de ajustes aos países devedores, um pacote de medidas de teor considerados neoliberais ou neoliberalizantes<sup>5</sup>, em que torna os países devedores mais vulneráveis e dependentes economicamente do capital internacional.

Para tanto, ao combinar o declínio do poder dos EUA, as políticas de empréstimos do FMI e de suas condições para acessá-los, além da resistência para reformas vigentes na estrutura de comando, muitos países, principalmente do Sul Global, criaram mecanismos e bancos de desenvolvimento paralelos, para suprirem suas necessidades.

Além disso, o mundo pós-crise econômica de 2008 fez com que a agenda neoliberal fosse enfraquecida, bem como os países candidatos aos recursos financeiros fossem excluídos por conta de suas bases ideológicas ou políticas, a mando dos EUA (Dixon, 2015). Isso aumentou o número de governos que foram relutantes à aceitação tanto das condicionalidades quanto das orientações das organizações internacionais tradicionais.

Ademais, após essa crise econômica, viu-se uma maior participação das economias em desenvolvimento no percentual do PIB mundial, em relação aos países desenvolvidos, e de modo geral, eram os maiores responsáveis pelo crescimento deste PIB (Griffith-Jones, 2014). Vale mencionar, que isso se perpetua até os dias atuais, ao compararmos com os últimos dados fornecidos pelo FMI (International Monetary Fund, 2019).

Os países em desenvolvimento para tentar escapar dessa “lógica” neoliberal das instituições ocidentais, como a do FMI, Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID<sup>6</sup>), passaram a cooperar em áreas cruciais para seu desenvolvimento. A fuga dessa dinâmica significa, de certa maneira, ir de alguma forma contra o sistema financeiro vigente, face às estruturas e realidades desiguais, para tentar combater este sistema assimétrico que favorece somente quem o monopoliza.

---

<sup>5</sup> “[...] cortes nas despesas com políticas sociais e investimentos, com objetivo de “equilibrar” o orçamento estatal; prioridade ao pagamento de juros das dívidas externas e interna, nas despesas públicas; reforma fiscal; flexibilização do mercado financeiro para a presença de bancos internacionais e eliminação de restrições ao fluxo de capital especulativo internacional; equiparação de moedas nacionais ao dólar; eliminação das restrições ao investimento estrangeiro; programa de privatizações; desregulamentação de atividades estratégicas (mineração, transporte, prospecção) e das relações trabalhistas (reformas); nova lei de patentes, de acordo com exigências internacionais.” (Silva, 2006, p. 190).

<sup>6</sup> Ou IADB, do inglês Inter-American Development Bank.

Isso explica a criação de diversos bancos de desenvolvimento, como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, o Banco Islâmico de Desenvolvimento, o Banco Africano de Desenvolvimento, e programas de cooperação. Para que se tenha uma comparação mais próxima, tem-se como exemplo a Corporação Andina de Fomento (1968), mas que a partir de 2010 tornou-se o Banco de Desenvolvimento da América Latina, que é um banco multilateral de desenvolvimento, inicialmente para os países andinos, mas que depois se expandiu para toda a América Latina, assim como Espanha e Portugal, totalizando dezenove países-membros, que tem seu capital dividido entre os membros. O NBD faz parte dessa nova dinâmica da geopolítica financeira.

Vale ressaltar que o BRICS surgiu como uma tentativa de integrar seus países-membros de diversas formas a despeito das enormes assimetrias em várias áreas: principalmente econômicas. Bem como, possuem grandes problemas de infraestrutura, como a falta de saneamento básico, precariedade de estradas, falta de fontes de energia renovável. Essa aproximação levou à cooperação em alguns temas-chave e, em especial, a um dos temas mais sensíveis: a economia.

A ideia de criação do NBD foi um processo que teve início com a aproximação das pautas econômicas na IV Cúpula do BRICS em Nova Déli em 2012. Começou com um acordo de cooperação financeira, entre os bancos de desenvolvimentos nacionais dos respectivos países-membros, que desencadeou na maior aproximação econômica entre os mesmos. Tal aspecto levou ao consenso de criação do Banco na Cúpula de Durban em 2013, para que ela, por fim, fosse assinada formalmente na VI Cúpula dos BRICS (Fortaleza) em 2014 (Stuenkel, 2017). Segundo o Ministério de Relações Exteriores (Brasil, 2020) “A criação do banco visou a responder ao problema global da escassez de recursos para o financiamento de projetos de infraestrutura.”

Na fundação, o NBD se baseou em alguns valores como: o da transparência; o de promover um espírito de colaboração mútua entre os membros; o de transformar as estruturas dos países em desenvolvimento; o de se desenvolver sem abrir mão da proteção ao meio ambiente; ser ousado e reconhecer que é necessário tomar decisões diferentes para mudar a visão do desenvolvimento financeiro; ser flexível nos processos e nos procedimentos, para conciliar os interesses públicos e privados; decisões democráticas e inclusivas “uma visão inclusiva, e não excludente”; ser transparente com todas as suas políticas, procedimentos e documentos, disponibilizando todos eles, publicamente (New Development Bank, 2019).

O Banco do BRICS foi uma instituição criada especialmente devido à demanda por investimentos tanto de seus países-membros, quanto de países em desenvolvimento que recebem investimento muito inferior do necessário e, muitas vezes, os governos nacionais não possuem tanto capital quanto capacidade técnica-profissional, para realizar tais obras. Além de sua importância econômica, NBD foi um passo importante para o processo de institucionalização

do BRICS como um grupo formal, e não somente um grupo de consulta informal, onde não se tinham vínculos formalmente estabelecidos (Stuenkel, 2017).

Ademais, a constituição do NBD tem como objetivo a redução de assimetrias existentes do poder econômico das economias centrais do norte sobre as economias emergentes do sul, nas esferas de decisão das instituições financeiras multilaterais globais (Pires, 2015). Visto que o banco tem intenção de atuar em países em desenvolvimento, que visa a melhorias de áreas específicas como saúde e mudanças climáticas.

Uma possível forma de ver a criação do NBD, é para ajustar um sistema monetário e financeiro que não mais é adequado e não comporta as necessidades dos países-membros, sendo uma espécie de complemento ao FMI e às instituições tradicionais (Stuenkel, 2017), ou ainda como um instrumento para aumentar a influência geopolítica dos países-membros, postos em destaque China (econômico) e Rússia (geopolítico) que são países com maior presença no cenário internacional.

A moeda que rege os depósitos é o dólar, porém o grupo tem a intenção de adotar uma cesta de moedas regionais para intensificar o intercâmbio comercial e financeiro, que poderá ser o início de um processo de “desdolarização” da economia mundial (Pires, 2015). Em 2019, por exemplo, ocorreu uma queda de 73% para 49% nos pagamentos em dólar entre a Rússia e o BRICS. O dólar perdeu o seu lugar para o euro dentro do comércio intra-BRICS. Entre Moscou e Nova Delhi, 56% dos pagamentos foram realizados em rublos (Russia Beyond, 2020).

Pode-se inferir que há uma tentativa de obtenção de maior autonomia (seja como uma forma de fugir das sanções econômicas de Washington no caso russo ou da criação do Renmimbi por Beijing) devido ao fato das transações dos empréstimos não precisar passar pela moeda dos EUA, a normalmente usada por outros bancos e pelo sistema financeiro internacional.

Ou seja, pode-se afirmar que a criação do NBD tem a finalidade de ser uma instituição financeira antissistêmica (Pennaforte, 2013 p. 68) devido ao seu objetivo de tornar os países-membros independentes dos países centrais ocidentais, como os norte-americanos e europeus, demonstrado no fato de não haver nenhum representante desses países como membros criadores do banco.

Vale mencionar, que por mais que o BID seja um banco de desenvolvimento, diferentemente do NBD, apresentam um padrão que se chama de cooperação Norte-Sul, que pode ser entendido como uma forma de exploração, devido às assimetrias econômicas entre os países envolvidos, com os países do Norte Global, sempre sendo os credores dos países do Sul. Países desenvolvidos têm uma maior influência na geopolítica financeira, devido ao fato de serem os maiores credores desses bancos de desenvolvimento, por isso detém um maior peso de voto nas decisões e poder de barganha, em que podem escolher quem irá receber os empréstimos, qual a quantia e quais os termos de pagamento, favorecendo seus interesses e usando a instituição como instrumento de influência e poder.

Comentado pelo vice-presidente brasileiro do banco, Paulo Nogueira Batista Júnior:

A ideia é ter membros de todas as regiões do mundo – África, América Latina e Caribe, Ásia, Europa etc. Buscaremos trazer países desenvolvidos, de renda média e de menor nível de desenvolvimento. Mas só os países emergentes e em desenvolvimento poderão ser membros tomadores de empréstimos. Não faremos empréstimos a países desenvolvidos (Batista Júnior, 2016, p. 180).

Essa coordenação entre os países-membros do BRICS permite a alavancagem em questões internacionais e uma melhor posição geopolítica no Sistema Internacional. Como já mencionado, os países-membros do BRICS, em especial a China, almejam o fortalecimento do bloco, pois o veem como uma alternativa, do ponto de vista geopolítico, de diminuir ainda mais a influência dos EUA. Como também, para a Índia que vê o NBD como uma grande oportunidade de viabilizar investimentos e proteção cambial, além de possuir interesse em desenvolver um posicionamento equilibrado nas relações com a China (Gabriel e Carvalho, 2015).

Compreende-se em nossa opinião, portanto, que o surgimento do NBD por parte do BRICS tem como intenção de funcionar como uma alternativa à influência geopolítica financeira dos países desenvolvidos, ao menos em uma menor escala, e expandindo sua influência gradativamente.

### **O NBD E A SUA INFLUÊNCIA**

O BRICS entende que as instituições financeiras multilaterais existentes e tradicionais não têm conseguido contribuir para superar desafios dos problemas latentes dos países que solicitam empréstimos (Vasconcelos, 2015). Isso pode estar relacionado às demandas e interesses dos credores, ou seja, das potências centrais que dominam essas organizações.

Foi na VI Cúpula do BRICS (2014), que o NBD foi constituído, resultado de um estreitamento de laços de cooperação entre os países-membros com o objetivo de, principalmente, corrigir as limitações das instituições multilaterais na gestão política da crise financeira internacional do capitalismo (Pires, 2015). A importância do banco já é indicada desde seu surgimento por ser a primeira instituição financeira multilateral fundada por países em desenvolvimento para atuar em nível global (Campos, 2018).

O banco foi fundado com um capital inicial de inscrição de 50 bilhões de dólares, com contribuições igualmente distribuídas entre os cinco membros fundadores; o banco também conta com o ACR, que é um fundo de US\$ 100 bilhões com supremacia financeira da China. Beijing contribuiu com US\$ 41 bilhões enquanto os parceiros Brasil, Rússia e Índia com US\$ 18 bilhões cada. A África do Sul em função de sua menor capacidade financeira contribuiu com US\$ 5 bilhões (Iglesias, 2014) para estimular as economias em caso de uma eventual crise financeira (Griffith-Jones, 2014). Embora as cifras sejam modestas, ainda são essenciais para a manutenção e o aprimoramento de certos setores econômicos locais. É importante mencionar que um

diferencial é a horizontalidade presente no bloco, que procura apresentar uniformidade entre os países. Ao fazer empréstimos aos países, não há a necessidade de mudanças estruturais como exigida pelo FMI, “um dos valores compartilhados pelos países-membros do NBD é a não intervenção externa em qualquer economia nacional” (Pereira e Milan, 2018, p. 31).

Em 2016 o NBD assinou um tratado com a China para alocar a sede do banco em Xangai e anunciar a abertura de um escritório regional em Johannesburgo, África do Sul. Vale ressaltar, que durante a XI Cúpula do BRICS, em novembro de 2019, no 31º ponto da Declaração de Brasília, mencionaram a inauguração de um escritório no Brasil, no qual assinala:

Saudamos a abertura dos Escritórios Regionais do NDB e as suas atividades nos países membros. Saudamos a criação do Escritório Regional das Américas em São Paulo, juntamente com seu sub-escritório em Brasília, e esperamos a abertura dos dois Escritórios Regionais restantes do NDB na Rússia e na Índia em 2020. Baseando-se nas funções centrais da Sede do Banco, seus Escritórios Regionais contribuirão para a expansão de suas operações e para a criação de um portfólio de projetos mais robusto para todos os países-membros (Brasil, 2019a).

Devido ao fato de os países estarem distantes geograficamente, esses escritórios se tornam uma importante ferramenta para aumentar a cooperação, expansão e integração dos projetos e objetivos dos países-membros. Como também, a abertura do Escritório Regional poderá ampliar as capacidades operacionais e facilitar a identificação e preparação de projetos negociáveis dos países, ou até mesmo ser uma porta de entrada, ou uma vitrine para novos membros.

O banco em seus primeiros anos já tinha um certo destaque positivo por agências de avaliação de crédito chinesas, em que obteve "AAA" pela "China Chengxin Credit Rating" e "China LianheCredit Rating", desde 2016, em seus relatórios anuais; já em 2019, recebeu a mesma nota pela agência japonesa “JapanCredit Rating Agency”, que é o nível mais alto de avaliação possível, e que demonstra o ótimo funcionamento por parte do banco (New Development Bank, 2019a).

De acordo com essas agências, as qualidades principais para essa boa avaliação incluem: o grande potencial de crescimento de negócios em países em desenvolvimento; estruturas sofisticadas de governança e gerência de riscos; eficiência operacional e equipe altamente qualificada além de possuir um alto nível de capital pago, com pontualidade em suas infusões. Pontos que só somam para um aumento de confiança e demonstram um grande potencial, por atuar de uma maneira diferente da convencional e, ainda assim, possuir o nível máximo de avaliação por parte das agências asiáticas.

Importante salientar, que o NBD se torna uma ferramenta de projeção internacional dessas potências emergentes dos países-membros, pois além do aspecto operacional de possuírem um banco de desenvolvimento deles próprios, acabam se posicionando também

como produtores de normas em âmbito internacional (Siufi, 2017). Isso influencia de forma decisiva a agenda internacional e determina como se organiza a governança global.

Em relação ao funcionamento, o NBD não deverá atender a uma prática de intervenção nos países receptores e de não interferência nos países em que terão os empréstimos destinados, ou seja, não impõe taxas adicionais em termos de empréstimos (Oliveira, 2015). Isso diferencia de instituições tradicionais financeiras, em que muitas vezes exigem alterações políticas ou implementações de reformas econômicas, como já visto nos ajustes estruturais neoliberais.

Como também há a possibilidade de empréstimos por meio da moeda local, o que proporciona juros independentes das possíveis variações e instabilidades do dólar (Gomes, 2018). O que demonstra que o banco tem uma intenção de atuar de forma mais igualitária com países vulneráveis economicamente e politicamente.

Na reportagem da revista “Euromoney” (Wright, 2019), Leslie Maasdorp, vice-presidente do banco, explica também que a razão pelo grupo precisar de um banco seria ter uma forma dos mercados emergentes de tomar o seu papel de direito na governança global. Por meio dessa afirmação, pode-se observar a tentativa desses países de assumirem uma importância no cenário e na geopolítica financeira mundial.

Além disso, o NBD financia projetos para ajudar os países-membros a alcançar resultados transformativos, inclusive reverter impactos sociais e ambientais negativos trazidos pelo desenvolvimento econômico predatório, podendo inviabilizar determinado ambiente para a produção agrícola ou moradia.

O vice-presidente do NBD, Leslie Maasdorp, critica o fato de muitos bancos de desenvolvimento multilaterais operarem somente em dólares americanos e afirma que essa prática não faz sentido:

Por que não remover o risco de troca de moeda ao juntar a moeda em Renmimbi e então receber o empréstimo em Renmimbi, para que quem recebe o empréstimo não corra riscos de mudança de moeda? No passado, todo o risco ia para quem recebia o empréstimo. Dizemos que o modelo tem que mudar. Somos capazes de fazer isso agora pois os realizadores e recebedores do empréstimo são os mesmos países — cinco países investindo capital e recebendo empréstimos (Santos, 2016).

Não somente essa declaração passa uma mensagem de que é possível um banco internacional operar sem o dólar, ou pelo menos diminuir o seu uso consideravelmente, como também demonstra que outros países podem aderir ao banco, ou então utilizar do mesmo sistema de empréstimos, consolidando a sua perspectiva antissistêmica e oferecendo uma opção ao centro hegemônico financeiro internacional.

Ao fazer isso, o banco pode reduzir o desafio e os custos associados às variações do dólar. Posto que alguns países-membros do BRICS têm como objetivo expandir sua influência

geopolítica no cenário mundial e reduzir o domínio do dólar americano como moeda de reserva internacional.

No IV encontro anual da mesa de governadores do NBD realizado na África do Sul, no início do ano de 2019, foi possível visualizar algumas conquistas do banco, o que inclui o planejamento de dobrar, em valores, as aprovações de seus negócios (New Development Bank, 2019b), assim como o aumento do número de empréstimos pelo banco. Além disso, a título de demonstração de projetos aprovados que o banco se torna mais singular: foram aprovados no encontro projetos que ajudam a aumentar o fornecimento de energia em áreas cruciais para o desenvolvimento sustentável (New Development Bank, 2020). Em nota à imprensa do Presidente do NBD, K.V. Kamath:

Em 2019 o banco impulsionará nossas operações e irá visar em dobrar suas aprovações de empréstimos para 16 bilhões de dólares. Nós estamos focando no desenvolvimento do impacto de nossos empréstimos através de estruturas de monitoramento mais robustas e da medição dos projetos. Sustentabilidade continua sendo o núcleo de tudo que fazemos<sup>7</sup> (New Development Bank, 2019b).

Esses projetos aprovados demonstram o empenho dos países em seu desenvolvimento e a sustentabilidade é uma das pautas centrais do banco devido ao fato de alguns países do grupo sofrerem grandes consequências diretas de danos ambientais. Por meio da sustentabilidade, o NBD tenta atrair e ter um poder geopolítico diferenciado no contexto financeiro.

Os projetos financiados pelo NBD são colocados em prática para compensar também os impactos adversos a grupos sociais ou ambientais, e os padrões são comparáveis aos estabelecidos pela Estrutura Ambiental e Social (ESF)<sup>8</sup> do Banco Mundial. Importante mencionar que a ESF é guiada pelos princípios relacionados ao desenvolvimento inclusivo e sustentável, mudança climática, entre outros (World Bank, 2019). Essa diretriz se mostra, na prática, por meio da análise e da escolha dos projetos.

O resultado esperado provém desses projetos que demonstram o apoio ao desenvolvimento de infraestrutura e sustentabilidade nos países do grupo, como planeja a estratégia geral do NBD. Ela visa a ações que fortaleçam tanto os países-membros como também que se teste e aperfeiçoe o sistema do banco, conforme ele opera na prática. Assim, ao analisar o website oficial do NDB, apresenta uma lista com 59 projetos já aprovados até metade de 2020 incluindo energia, transporte, infraestrutura social, infraestrutura urbana, proteção do meio ambiente e da água, saneamento e inundação, multissetorial e saúde pública (New Development Bank, 2020).

Todas essas áreas são essenciais geopoliticamente para um país, pois são setores chave para o funcionamento de quase todas as atividades produtivas, porém, todos são setores nos quais os países-membros possuem deficiência. Um fator importante a se destacar é o suporte

<sup>7</sup> Tradução feita pelos autores.

<sup>8</sup> Sigla do inglês Environmental and Social Framework.

técnico do projeto, pois para que tal tenha um real impacto, é necessário que haja conhecimento técnico especializado, algo que muitos países em desenvolvimento não possuem.

Em setembro de 2021 o NBD anunciou a adesão de três novos sócios: o Uruguai, os Emirados Árabes Unidos (EAU) e Bangladesh. Se sob o ponto de vista econômico os três sócios não ocupam um lugar de destaque no cenário internacional, pelo lado geopolítico aumenta a expansão da instituição financeira como uma opção aos centros tradicionais do capitalismo. Nestes seis anos de funcionamento, o NBD já teve aprovado aproximadamente 80 projetos que totalizam USD 30 bilhões (Sputnik, 2021).

Com base na análise do ano de 2019 até metade do ano de 2020, o banco aprovou um total de 23 projetos, e mais três em assistência técnica, fechando o balanço desse período, em aproximadamente 17 bilhões de dólares em empréstimos. Nesse período analisado, ao comparar com os anos anteriores, pode-se observar que os empréstimos destinados a setores essenciais e de base se manteve, porém com dois diferenciais em relação aos outros anos: o início dos projetos de assistência técnica e os empréstimos feitos para ajudar os países na crise de saúde provocada pelo Covid-19 (New Development Bank, 2020).

Os projetos se relacionam a temas diversificados como o combate às enchentes e o aperfeiçoamento do sistema sanitário e distribuição de água, sendo este último também listado entre os projetos voltados ao setor de energia, dado que todos giram em torno de problemas elementares para o desenvolvimento de um país.

Ao fim, em sua breve operacionalidade, o banco tem se mostrado eficiente, cobrindo demandas dos países, sem se esquecer do fator ambiental, e agindo sob uma perspectiva antissistêmica, tentando diminuir a influência e a dependência do centro sistêmico capitalista, seja essa dependência financeira, monetária ou tecnológica.

## **CONCLUSÃO**

O BRICS é de suma importância para a economia mundial, pois têm países-membros influentes no contexto financeiro e geopolítico. Com a criação do NBD, a questão financeira do grupo se torna mais institucionalizada, uma alternativa aos países em desenvolvimento, e não pode ser ignorado pela atual conjuntura geopolítica.

O NBD com poucos anos de criação e funcionamento, ainda não tem como ratificar se poderia ser uma alternativa que supriria e se colocaria à altura das atuais organizações financeiras mundiais centrais originadas desde Bretton Woods. No entanto, pode-se afirmar que começa a construir uma credibilidade e um diferencial no contexto internacional, crescendo e influenciando paralelamente o sistema financeiro por meio de vários projetos de investimentos em setores primordiais sob outras condições.

Entretanto, pode-se visualizar que apesar de não conseguir se apresentar como uma alternativa de grande envergadura ainda para substituir e competir em termos globais com os

grandes bancos já estabelecidos, o NBD poderá apresentar vantagens futuramente para os países que não possuem acesso aos recursos do eixo estadunidense/europeu (BID, FMI etc.).

O que irá definir o sucesso ou o fracasso do NBD como instituição financeira, será sua capacidade de se destacar dos demais bancos de desenvolvimento, juntamente com seu potencial de operar com maior igualdade, sem que se perca a eficiência ou a eficácia dos seus investimentos, que aprenda com os erros de outros bancos existentes, ou até mesmo com os seus próprios, para que, assim, possa se consolidar e almejar uma expansão. Não devemos esquecer que há uma grande disputa geopolítica por trás de todo o processo

Vale mencionar a importância de representação e independência financeira dos países, e o NBD se mostra como uma possibilidade, em uma menor escala, para que estes países emergentes consigam não depender do centro do capital por completo. Acreditamos que o NBD não tem por objetivo principal criar uma forma de confronto direto com demais instituições financeiras, mas sim criar uma via de desenvolvimento paralela, assim se afastar da esfera de influência geopolítica ocidental, e desenvolver a sua própria.

Sendo assim, dada a escala atual, o NBD ainda é muito incipiente para operar em uma escala tão grande, porém o banco vem se desenvolvendo e melhorando a sua eficiência desde sua criação. Talvez no longo prazo, com uma maior normalidade das operações e com um futuro aumento da escala, isso gere outro ajuste, expandindo as operações do banco. O processo deverá ser lento e gradativo, para que sua funcionalidade seja garantida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arrighi, G. (2006) *O Longo Século XX*. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, 5ª reimpressão.

Batista Júnior, P. N. (2016) 'Brics – Novo Banco de Desenvolvimento'. *Estudos Avançados*, 30 (88).

Brasil. (2019) *BRICS*. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics> [Acesso em: 08 agosto 2019].

Brasil. (2019a) *XI Cúpula do BRICS – Declaração de Brasília*. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/21083-declaracao-de-brasilia-11-cupula-do-brics> [Acesso em: 15 dez. 2019].

Brasil. (2020) Ministério das Relações Exteriores - *Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS)*. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/mecanismos-internacionais/mecanismos-inter-regionais/brics> [Acesso em: 15 nov 2020].

Bretton Woods Projects (2019) *'Bretton Woods at 75: A series of critical essays'*. Disponível em: [https://www.brettonwoodsproject.org/wp-content/uploads/2019/10/Bretton-Woods-at-75\\_A-series-of-critical-essays.pdf](https://www.brettonwoodsproject.org/wp-content/uploads/2019/10/Bretton-Woods-at-75_A-series-of-critical-essays.pdf) [Acesso em: 23 nov 2020].

Campos, F. A. (2018) 'O BRICS e sua influência na governança do Sistema Internacional'. *Dissertação de mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais na Universidade Federal da Bahia.

Carvalho, C. E.; Freitas, W. D.; Godoy, L. P. C.; Gomes, N. F. (2015) 'O banco e o arranjo de reservas do Brics: iniciativas relevantes para o alargamento da ordem monetária e financeira internacional'. *Estudos internacionais*, 3(1), jan-jun 2015 pp. 45-70.

Dixon, C. (2015) 'The New BRICS Bank: Challenging the International Financial Order?' *PolicyPaper*. London Metropolitan University. nº 28, Disponível em: <http://repository.londonmet.ac.uk/343/1/GPI%20policy%20paper%20no.28.pdf> [Acesso em: 15 jun. 2020].

Gabriel, J. P.; Carvalho, C. E. (2015) 'A Índia, o NBD e o ACR do BRICS: percepções e interesses'. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, 36(129), p.53-69, jul./dez.

Gomes, G. G. (2018) "O papel complementar do banco do BRICS em relação às instituições de Bretton Woods no sistema financeiro internacional". *A Economia em Revista*, 26(2), maio/agosto. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EconRev/article/view/50208/pdf> [Acesso em: 10 jun. 2020].

Griffith-Jones, S. (2014) *A BRICS Development Bank: a dream coming true?*, UNCTAD Discussion Papers. Disponível em: [https://unctad.org/en/PublicationsLibrary/osgdp20141\\_en.pdf](https://unctad.org/en/PublicationsLibrary/osgdp20141_en.pdf) [Acesso em 15 set. 2019].

Hobsbawm, E. (1995) *A Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. SP: Cia. Das Letras.

Hooijmaaijers, B. (2021) 'The internal and external institutionalization of the BRICS countries: The case of the New Development Bank'. *International Political Science Review*. pp. 1–14.

Hurrell, A. (2018) 'Beyond the BRICS: Power, Pluralism, and the Future of Global Order'. *Ethics & International Affairs*, 32(1), 89-101.

Iglesias, M.O. (2014) "The BRICS New Development Bank: a historic game-changer?". Real Instituto Elcano. Disponível em: <https://www.realinstitutoelcano.org/en/commentaries/the-brics-new-development-bank-a-historic-game-changer/> [Acesso em: 23 nov. 2014]

International Monetary Fund. (2019) *The World Economic Outlook*. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2019/01/weodata/weorept.aspx?sy=2000&ey=2019&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=.&br=1&c=110%2C200&s=PPPSH&grp=1&a=1&pr.x=23&pr.y=15> [Acesso em: 10 set. 2019].

Krasner, S. D. (2012) 'Causas estruturais e consequências dos Regimes internacionais: regimes como variáveis intervenientes'. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, 20(42), p. 93-110.

Lobato, L. de V. C. (2018) 'A questão social no projeto do BRICS'. *Ciênc. saúde colet.* 23(7). Jul.

Miltin, D.; Satterthwaite, D. (2013) *Urban poverty in the Global South: Scale and Nature*. New York & Oxon: Routledge. 1ª edição.

New Development Bank. (2019) *Mission and Values*. Disponível em: <https://www.ndb.int/about-us/essence/mission-values/> [Acesso em: 15 set. 2019].

New Development Bank. (2019a) *Investor Relations*. Disponível em: <https://www.ndb.int/investor-relations/credit-ratings/> [Acesso em: 15 out. 2019].

New Development Bank. (2019b) *New Development Bank (NDB) outlines ambitious plans to boost loans, increase impact of investment*. Disponível em: [https://www.ndb.int/press\\_release/new-development-bank-ndb-outlines-ambitious-plans-boost-loans-increase-impact-investment/](https://www.ndb.int/press_release/new-development-bank-ndb-outlines-ambitious-plans-boost-loans-increase-impact-investment/) [Acesso em: 18 set. 2019].

New Development Bank. (2020) *Projects*. Disponível em: <https://www.ndb.int/projects/list-of-all-projects/> [Acesso: 30 jun. 2020].

Oliveira, G. de S. (2015) 'BRICS rumo a contestação sistêmica? Cooperação financeira para desenvolvimento e perspectivas do Novo Banco de Desenvolvimento'. 55 f., il. *Monografia* (Bacharelado em Relações Internacionais). Universidade de Brasília, Brasília.

Organização das Nações Unidas (2019) *FMI*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/fmi/> [Acesso em: 10 set. 2019].

Organização das Nações Unidas (2019a) *Banco mundial*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/bancomundial/> [Acesso em: 05 set. 2019].

Pennaforte, C. (2013) *Movimentos Antissistêmicos no Sistema-Mundo Contemporâneo: O Caso Venezuelano*. Rio de Janeiro: CENEGRI - Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais.

Pereira, R. A. A.; Milan, Marcelo. (2018) 'O financiamento do desenvolvimento e o Novo Banco do BRICS: Uma alternativa ao Banco Mundial?' *Planejamento e políticas públicas*. nº 51. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9841/1/ppp\\_n51\\_financiamento.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9841/1/ppp_n51_financiamento.pdf) [Acesso em: 13 agosto 2020].

Pires, H. (2015) Globalização e integração financeira e tecnológica entre os países emergentes: o novo banco de desenvolvimento do BRICS. *Revista Geo UERJ*. Rio de Janeiro, n. 27, p. 283-292.

Roberts, R. (2000) *Por dentro das Finanças Internacionais – guia prático dos mercados e instituições financeiras*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Russia Beyond (2020) 'Dólar sai do comércio entre os Brics'. *Russia Beyond*. Disponível em: <https://br.rbth.com/economia/83948-dolar-sai-do-comercio-entre-brics> [Acesso em: 15 jun. 2020].

Santos, L. A. (2016) *Maasdorp on BRICS bank's 'openness' and unique place in the MDB world*. *Devex*. Disponível em: <https://www.devex.com/news/maasdorp-on-brics-bank-s-openness-and-unique-place-in-the-mdb-world-88374> [Acesso em: 10 set. 2019].

Silva, L. F. (2006) 'As novas configurações políticas na América Latina e os ajustes estruturais neoliberais'. In: *Mídia e Democracia*. Jefferson O. Goulart (org.). Annablume editora. São Paulo. 1ª ed. 2006

Siufi, B. N. (2017) O novo Banco de Desenvolvimento: O BRICS e as mudanças na arquitetura financeira internacional'. *Trabalho de Conclusão de Curso* - Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Sputnik (2021) 'Banco do BRICS procura expansão regional com adesão dos 3 novos sócios, avalia especialista'. *Sputnik News*. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/economia/2021090617981593-banco-do-brics-procura-expansao-regional-com-adesao-dos-3-novos-socios-avalia-especialista/> [Acesso em: 09 out. 2021].

Stuenkel, O. (2017) *BRICS e o futuro da ordem global*. 1ª edição. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.

Suchodolski, S. G.; Demeulemeester, J. M. (2018) 'The BRICS Coming of Age and the New Development Bank'. *Global Policy*.

Vasconcelos, J. (2015) 'O novo banco de desenvolvimento dos BRICS: *Contexto e Intencionalidade*'. 87(2), jul./dez. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ACADEMICA/article/viewFile/1681/1471> [Acesso em: 17 jun. 2020].

Wallerstein, I. (2004) *O declínio do poder Americano*. Rio de Janeiro, Contraponto.

Wang, H. (2017) 'New Multilateral Development Banks: Opportunities and Challenges for Global Governance'. *Global Policy*. 8(1). University of Durham and John Wiley & Sons, Ltd.

Wright, C. (2019) NDB: THE Brics bank takes shape' *EUROMONEY*. Disponível em: <https://www.euromoney.com/article/b1f9vf7w1cf3d8/ndb-the-brics-bank-takes-shape> [Acesso em: 16 set. 2019].

World Bank. (2019) *Environmental and Social Framework*. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/projects-operations/environmental-and-social-framework> [Acesso em: 13 dez. 2019].